

Porém, a meu ver, esse acontecimento verificado na capitania nordestina de Duarte Coelho, em 1549, não é um acontecimento de importância na História do Brasil; não projetou conseqüências e todo fato histórico que não gera conseqüências de vulto, não deve atrair a atenção do historiador, pois a História é o estudo de fatos que se relacionam intimamente, evoluindo com o decorrer do tempo; desde que um fato se torne isolado, não modificando o panorama político, social e econômico de uma determinada sociedade, deve ser posto de lado.

O cerco de Igaracú é um mero episódio dos muitos que se desenrolaram nestas plagas americanas, com as lutas entre o aborígene e o conquistador europeu, lutas que não tiveram a sorte de possuir a pena de um Hans Staden, como o cerco de Igaracú que ficou para a posteridade, simplesmente como um quadro pintado por um estrangeiro, reprodução de centenas de outros iguais que anônimamente cenificaram o que foi a entrada do português e sua fixação em território brasileiro, no século XVI.

MYRIAM ELLIS AUSTREGÊSILO

---

BAKER (J. N. L.). — *Histoire des Découvertes Géographiques et des Explorations* — Tradução francesa de Maurice Planiol. 455 págs. com mapas. Liv. Payot. Paris, 1949.

Com a presente versão francesa, feita por um antigo professor da Universidade de Teerã, passa a contar a bibliografia referente às explorações geográficas com mais uma obra de síntese, cuja edição original em inglês foi publicada em 1931.

Seu autor, o prof. J. N. L. Baker, tem a seu cargo o curso de Geografia Histórica na Universidade de Oxford.

A obra está dividida em duas grandes partes. Na primeira, o autor estuda o período anterior ao século XIX, sob as seguintes rubricas: o Mundo Mediterrâneo, a Idade-Média, os Arabes, o caminho marítimo para o Extremo-Oriente, Cristovão Colombo e seus sucessores, os Espanhóis no Novo-Mundo, Magalhães e o Pacífico até 1600, outros caminhos para a Ásia, a "Terra Australis" e o Pacífico (1600-1800), a Ásia, a África (1500-1788) e a América (1550-1800). Na segunda parte, examina os séculos XIX e XX, nas diferentes áreas geográficas (Ásia, África, América, Austrália e Índias Orientais, o Oceano e as expedições polares), apresentando uma conclusão. Em apêndice, o autor refere-se aos exploradores chineses, à descoberta pré-colombiana da América, à viagem de De Fonte e ao chamado estreito de Anian.

Trata-se de um livro bem documentado no ponto de vista bibliográfico, pois o autor apresenta, de início, uma bibliografia geral, pequena mas expressiva, e faz acompanhar cada capítulo de bibliografias particularizadas, estas últimas, em sua maior parte, de língua inglesa.

O que primeiro chama a atenção de quem lê a obra examinada é a sua pobreza em gravuras: nela figuram apenas 8 mapas. Naturalmente teve o autor sérias razões para assim proceder; isto não impede, porém, que lamentemos a inexistência de um número muito maior de mapas esclarecedores, antigos e modernos, e de gravuras referentes aos grandes exploradores e aspectos focalizados em obras contemporâneas.

Em relação ao plano geral, nota-se, antes de tudo, que o autor preocupou-se em dar maior ênfase aos séculos XIX e XX, pois metade do livro lhes foi reservada; eis, inegavelmente, um traço original da obra, pois, via de regra, reserva-se à idade contemporânea um lugar proporcional ao conjunto dos fatos examinados desde os tempos antigos. Observado no detalhe, o plano nem sempre nos parece lógico, mormente na primeira parte do livro, em que o autor titubeia entre vários critérios.

Encarada a obra em seu conjunto, poder-se-á perguntar: teria sido feliz o ilustre professor de Oxford em dividir a História das Explorações Geográficas em, apenas, duas grandes partes — antes e depois do século XIX?... Sinceramente, parece-nos que não, uma vez que não vemos razões sérias para, na falta de outro critério talvez mais racional, pôr-se de lado a tradicional divisão da História, nos seus quatro períodos. Acaso, as explorações realizadas pelos povos antigos não diferem essencialmente das que foram levadas a efeito na época medieval? Por outro lado, as descobertas realizadas nos Tempos Modernos não se individualizam, de maneira completa, das que tiveram lugar no período anterior como nos derradeiros 150 anos?... Compreendemos a intenção do autor ao dar maior desenvolvimento à época contemporânea, pois contribuiu, assim, para o preenchimento de uma lacuna, sensível em outras obras do mesmo gênero; mas tal ponto de vista, sem dúvida elogiável, não poderia implicar no abandono do plano que os próprios estudos gerais da História impunham para o extenso período anterior ao século XIX.

Resta-nos fazer um último reparo a essa importante obra do ilustre professor de Oxford: a pobreza da parte referente ao nosso país, no período correspondente aos séculos XIX e XX. Em primeiro lugar, somos forçados a estranhar que, enquanto o Canadá, os Estados Unidos, o Alasca, para não citar muitos outros exemplos (Madagascar, a Austrália, etc.), mereceram uma parte especial, dentro dos respectivos capítulos; o Brasil aparece sob a rubrica "América do Sul". Referindo-se aos viajantes e exploradores, que percorreram nossos sertões, na época contemporânea, não deixou o autor de mencionar alguns dos mais notáveis; Eschwege, Wied-Neuwied, Saint-Hilaire, Spix e Martius, De Castelnau, Wallace, Bates, Chandless, Crevaux, Coudreau, Derby, Von Den Steinen, Rice e outros lá estão citados, com maior ou menor detalhe. Mas nenhum nome brasileiro aparece nessas páginas dedicadas ao nosso país; Alexandre Rodrigues Ferreira, Barboza Rodrigues, Costa Azevedo, Tapajóz, Teles Pires, Rondon e seus valentes seguidores são completamente olvidados. Isto sem que levemos muito em conta que o sábio Luiz Cruls ali está como sendo R. Crulo...

São simples observações, que nos sentimos na obrigação de fazer, mas que em nada diminuem a obra examinada. Constitui ela uma admirável síntese, que haverá de prestar magníficos serviços tanto para os que cultivam a História como a Geografia. Diferindo em seu plano e na sua própria estrutura, alinha-se, porém, inegavelmente, ao lado da grande obra de Olsen, "La Conquête de la Terre", editada pela própria Livraria Payot.

AROLDO DE AZEVEDO

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, t. XV, 2.<sup>a</sup> série, n.ºs 1/2, 1949, pp. 265.

Este número da Revista contém os seguintes artigos:

José Gentil P. da Silva, *Os Contratos da Trazida de Drogas no século XVI (Subsídios e Documentos)* (pp. 5-28). O A. estuda os contratos relativos à importação da noz e do gengibre, grande parte do qual provinha do Brasil. Examina a qualidade dos carregamentos, a sua disposição nas naus, a flutuação dos preços das drogas na praça de Lisboa no século XVI e as condições, obrigações e direitos referentes aos negócios das drogas. Em apêndice, o A. junta documentos muito interessantes relativos ao assunto.

Cruz Malpique, *Reflexões sobre a infância* (pp. 29-52). Artigo sobre a importância dos problemas da infância no nosso tempo. O A. assinala o fato de haver sido Portugal um dos primeiros países a dar assistência à infância.